



Solidão em narrativa: análise de uma (auto)biografia de mulher nas ciências a partir de Marcela Lagarde

Solitude in narrative: an analysis of a woman (auto)biography in sciences
from Marcela Lagarde's perspective

Paloma Nascimento dos Santos*

Resumo: Este artigo investiga o espaço da narrativa sobre solidão por uma mulher nas ciências. Para isso, foi utilizado como *corpus* a (auto)biografia de Marie Curie intitulada *Notas autobiográficas*, texto produzido pela física polonesa que, durante muito tempo – e ainda hoje –, é considerada ideal de mulher nas ciências e fora dela. O gênero, elemento central dos procedimentos normativos constituintes das histórias de vida de mulheres, foi pensado nesse texto a partir da conceituação sobre solidão proposta por Marcela Lagarde.

Palavras-chave: (Auto)biografia. Gênero. Solidão. Marie Curie.

Abstract: This paper investigates the narrative about solitude by a woman in sciences. To this end, we used as our *corpus* an (auto)biography by Marie Curie entitled *Autobiographical Notes*, which was composed by the Polish physicist that, for a long time – and even today –, is considered the ideal of women in science. A key element of the normative constituting proceedings of the women life stories, the gender issue was thought based on the idea of solitude proposed by Marcela Lagarde.

Keywords: (Auto)biography. Gender. Solitude. Marie Curie.

Introdução

Marie Curie foi uma mulher revolucionária e uma figura causadora de um fascínio que transcende o âmbito das ciências. Por muitas pessoas, a narrativa de sua vida é considerada exemplar, e sua figura mítica muitas vezes é evocada quando se procura dar visibilidade às mulheres na história das ciências. As mulheres fizeram ciência e houve uma mulher que fez ciência

* Doutoranda em Educação e Ensino de Ciências na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Química pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Pesquisa gênero e ciências e é professora de Química da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEE/PE). Contato: pns.paloma@gmail.com



como Marie Curie. Polonesa, filha de pai e mãe intelectuais, protagonizou, em sua juventude, um projeto de vida que incluía estudar ciências em Paris para tornar-se professora e voltar para seu país. Formou-se em física e matemática quando poucas mulheres poderiam, e foi inscrita na história como a inventora da radioatividade, propondo novos elementos químicos – o rádio e o polônio – e provocando uma mudança efetiva no modo como a ciência enxergava a estrutura da matéria. Muito da sua vida foi contado em filmes, livros e centenas de biografias exatamente por causa do perfil e das conquistas impensadas para mulheres da época. Havia ciência sendo produzida por mulheres, mas não houve outra como Curie: vista como gênio, santa, esposa e mãe. Por isso mesmo teve sua vida exposta e devastada, revelando o modo como a ciência androcêntrica da época organizada as relações de poder em seus círculos. Marie escapava para espaços nunca antes permitidos para mulheres, causando admiração e, ao mesmo tempo, confusão para seus pares masculinos nas ciências.

Como essa mulher mito, essa mulher lendária se contava? É uma das perguntas desse texto. Muitas pesquisas dos estudos feministas e de gênero e ciências têm se interessado pela vida de Curie, especialmente porque, ao estudá-la ou estudar seus escritos, é possível: a) ter um panorama sobre a divisão sexual do trabalho nas ciências; b) empreender numa crítica feminina à ciência e seu caráter androcêntrico que interditou Curie muitas vezes e segue interditando mulheres; c) discutir relações de trabalho, obstáculos para a ascensão de mulheres nas ciências e fazer uma crítica à ciência sexista; e d) elaborar discussões sobre narrativas heroicas nas ciências e a criação de mitos infalíveis, ou como uma mulher excepcional que bateu de frente e sobreviveu ao mundo predominantemente masculino das ciências. Curie aparece como personagem sobre-humana em muitos discursos dentro e fora das ciências, e ouvir a polifonia de discursos sobre sua pessoa permite analisar as vidas de mulheres cientistas que são sempre atravessadas por marcações exclusivas para o sexo feminino, marcações sobre vidas fortemente relacionadas ao pessoal e ao doméstico, que cientistas do sexo masculino não possuem.

Marie Curie escreveu uma narrativa (auto)biográfica, um texto curto, anexo, que teve uma construção tão interessante quando sua autora e é um retrato não só das relações científicas de Curie como também de sua infância, sua família, seus projetos estudantis, seu casamento, sua visão de mundo e de ciência. Nesse texto também há trechos sobre solidão, que acompanhou a cientista durante muitos momentos de sua vida e que ora são omitidos na exposição de sua figura pública, ora são utilizados como elementos para reforçar sua figura de mulher ideal.

Neste artigo estes aspectos são investigados utilizando-se uma narrativa autobiográfica como documento histórico escrito pela própria Marie Curie, os espaços da solidão quando uma cientista escreve sobre si, se inventa, se narra. Entendendo que há uma solidão nas ciências, solidão na pesquisa e que está relacionada às práticas discursivas constituintes dos sujeitos, utiliza-



se a perspectiva de gênero proposta por Marcela Lagarde, antropóloga mexicana, para investigar as complexidades de ser uma mulher que ainda em vida já construía seu legado histórico. A partir das notas escritas de uma mulher-mito, este texto pretende problematizar a história de vida de mulheres nas ciências e a invenção dos modelos de mãe, esposa e cientista. Como ela se conta? Em que momentos ela se narra sozinha? Qual o papel do gênero e como ele circula nessa narrativa de invenção de si de Marie Curie?

Uma (auto)biografia em construção: a invenção de si

A narrativa é uma atividade humana caracterizada por ser um exercício de autointerpretação que relaciona as instâncias sociais, históricas e culturais da pessoa. A criação de sentido sobre aquilo que somos, seja para nós mesmas ou para outras pessoas que nos cercam, depende das histórias que contamos, das construções narrativas que inventamos e da possibilidade de exercermos uma autoria de vida¹. Estas histórias são construídas em contraste com todas as outras que ouvimos e lemos e que, de alguma maneira, nos constituem. Por outro lado, estas histórias que nos constituem estão sendo produzidas e mediadas no interior de determinadas práticas sociais mais ou menos institucionalizadas: um confessionário, um tribunal, uma escola, um grupo de terapia, uma relação amorosa, uma reunião familiar, uma entrevista, um diário. Para Jorge Larrosa², a narrativa é um modo de escrita em que encontramos as formas linguísticas e discursivas com que construímos e expressamos nossa subjetividade.

Uma narrativa que se ocupa da vida é a (auto)biografia. Deslizando entre a história e a ficção, tem caráter híbrido e interdisciplinar, é “prática vivida, gesto pragmático da vida cotidiana sem ambição literária”³. Os estudos teóricos sobre (auto)biografias têm aporte nas discussões propostas por Philippe Lejeune, que assume as limitações e dificuldades em definir um tipo de narrativa tão cambiante. Ainda assim, para ele a (auto)biografia é o relato retrospectivo que uma pessoa faz de sua própria existência, enfatizando sua individualidade e, em particular, a história de sua personalidade⁴. A produção de uma narrativa escrita não seria um empreendimento difícil para Marie Curie, pois toda sua família exercitou a escrita. Seu pai era um apaixonado por literatura e genealogia; seu irmão e suas irmãs escreveram memórias da família na Polônia e suas filhas também escreveram relatos biográficos – delas e da mãe famosa. Mas sob que condições ela escreve sobre si? Cientistas escrevem sobre si?

¹ LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

² LARROSA, Jorge. Narrativa, identidade y desidentificación. In: *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.

³ VIART, Dominique. Dime quién te obsesiona: paradojas de lo autobiográfico. In: *Cuadernos hispanoamericanos*, n. 621, p. 63-74, 2002.

⁴ LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico y otros estudios. Ed. Megazul Endymion, 1994, p. 50.

Por se tratar de uma narrativa de história de vida, é interessante observar, antes de analisar uma (auto)biografia específica, três aspectos metodológicos importantes: que a) a realidade é uma construção; b) que a identidade não é algo estático, mas um estado em processo; e c) que todo o conhecimento é sempre um conjunto de fatos com efeito de verdade. Nesse sentido, deve-se recusar a busca por uma verdade essencial sobre aquela mulher que escreve, por uma Marie Curie real, que só seria a verdadeira porque é a própria que se conta. É preciso considerar, além dos três aspectos citados, as condições de possibilidade para que determinada narrativa (auto)biográfica surja enquanto discurso⁵, além dos aspectos constitutivos da linguagem para a realidade e que o que está escrito como história de vida de Marie Curie é fruto de práticas discursivas submetidas à história. Ao se entender que com as palavras há criação e *invenção de si*, percebe-se que essa invenção não faz parte apenas de ser apenas um objeto no discurso, das práticas e das estratégias do poder, que organiza as relações sociais⁶, mas variar-se em relação a si mesma, *ficcionar a si*, (re-) inventando-se a partir da negação da essencialidade⁷. É preciso, também, associar a análise discursiva à compreensão da dinâmica das relações de poder e observar como o gênero opera dentro e fora delas. O gênero é aqui entendido como ponto de vista e conceito central para a análise, pois a construção da figura de mulher empreendida pela própria Marie e pela polifonia que a ajudou a escrever é marcada por interditos, negociações e pela construção de uma imagem de “mulher ideal” nas ciências.

Marie foi casada com Pierre Curie por onze anos até ele morrer de forma trágica num acidente ao sair da universidade. A partir da sua morte, Pierre Curie foi celebrado por suas contribuições à ciência e, em 1920, Marie recebeu um convite para escrever uma biografia sobre seu companheiro para a série *Les Grands Hommes de France*⁸. O livro, intitulado *Pierre Curie*, foi encomendado pela publicadora francesa Payot, e teve tiragem inicial de três mil exemplares. No livro, Marie alterna narrativas sobre a infância e a família de Pierre com relatos sobre suas contribuições e propostas de pesquisa. Marie encontrava-se retomando a vida e as atividades no Instituto do Rádio após participar ativamente como voluntária nos *fronts* da França na Primeira Guerra. A pesquisadora foi responsável por otimizar equipamentos de raios-X móveis que eram utilizados nos diagnósticos de soldados feridos antes das cirurgias. Sua visibilidade como cientista

⁵ FISCHER, Beatriz Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais... In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 143-161

⁶ Neste caso especificamente, além de ser mulher, de ser uma mulher nas ciências, circulando em espaços e em uma estrutura de ciência em que o exercício de poder estava facultado ao masculino.

⁷ REVEL, Judith. Uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria. In: *IHU On-Line*, revista do Instituto Humanitas Unidinos – IHUn. 203, p. 20-31, 2006. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

⁸ WIRTEIN, Eva Hemmungs. *Making Marie Curie: intellectual property and celebrity culture in an age of information*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

alcançou fama mundial e sua figura passou a ser de interesse de uma editora americana, que tem relação direta com a escrita de sua (auto)biografia.

O mundo vivia um pós-guerra em que os Estados Unidos, que se uniram tardiamente ao conflito, foram vistos como local de salvação e uma terra de riquezas abundantes. Lá os movimentos sufragistas, em 1920, estavam em ebulição e as mulheres de luta já haviam conquistado o direito de votar. É nessa atmosfera que uma jornalista chamada Marie “Missy” Meloney, editora da revista feminina *The Delineator*, se interessou pela figura pública de Marie Curie e insistiu até conseguir entrevistá-la⁹. Ao relatar o primeiro encontro que teve com Marie Curie, Meloney escreveu que ficou admirada com a simplicidade daquela mulher, que trabalhava em um laboratório igualmente simples, em condições inadequadas, vivendo em um pequeno apartamento sustentado pelo seu salário de professora. Após a entrevista, Meloney ficou responsável por organizar uma campanha de arrecadação objetivando o valor de cem mil dólares para comprar um grama de rádio para Marie Curie e seu laboratório. Os Estados Unidos possuíam rádio e Marie Curie afirmou, durante a entrevista para a jornalista americana, que os pesquisadores estadunidenses tinham cerca de cinquenta gramas disponíveis, enquanto o laboratório dela na França possuía apenas pouco mais de um grama¹⁰. O faro jornalístico e a possibilidade de mostrar para o mundo uma personagem única motivaram Missy Meloney a começar a campanha que incluiu a escrita de uma (auto)biografia.

Marie Curie circularia por universidades americanas e encontraria autoridades acadêmicas e políticas em sua turnê, mas o público-alvo para a arrecadação seria mulheres. Para facilitar essa aproximação, Meloney convenceu Curie a escrever uma narrativa (auto)biográfica: a cientista alterou o contrato com sua publicadora francesa para deter os direitos de tradução, e anexou ao livro *Pierre Curie* um curto texto chamado *Notas autobiográficas*¹¹. Para Eva Wirtén¹², Marie tinha total entendimento de que as pessoas estadunidenses estavam interessadas no casal Curie, mas também – e talvez mais – na narrativa de sua vida. Como não se interessar por uma mulher inscrita na história como aquela que driblou todos os obstáculos para se tornar uma cientista que revolucionou a ciência da época, circulando em lugares não permitidos para as mulheres? O texto é formal e curto, dividido em quatro capítulos que compreendem a vida de Curie desde a infância, os anos de estudos em Paris, o casamento e a pesquisa científica, a maternidade, seu relacionamento com a ciência e os anos da Guerra. Finaliza relatando a visita que fez aos Estados Unidos. Já nas primeiras linhas ela escreve:

Meus amigos americanos me pediram para escrever a história da minha vida. Primeiro, a ideia parecia estranha para mim, mas, persuadida, cedi. De qualquer

⁹ QUINN, Susan. *Marie Curie: uma vida*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 417.

¹⁰ CURIE, Marie. Autobiographical notes. In: _____. *Pierre Curie*. Nova York: Macmillan Company, 1923, p. 68-108.

¹¹ Não há versão em português para o *Notas autobiográficas*. Todos os trechos utilizados neste texto são de tradução própria.

¹² WIRTÉN, 2015.



forma eu não poderia conceber a minha biografia como uma expressão completa de sentimentos pessoais ou uma descrição detalhada de todos os incidentes que me lembraria. Muitos dos nossos sentimentos mudam com os anos e, quando não desaparecem, podem parecer completamente estranhos; incidentes perdem seu interesse momentâneo e podem ser lembrados como se tivessem acontecido com outra pessoa. Mas pode haver na vida alguma direção geral, uma linha contínua, gerada por algumas ideias dominantes e alguns sentimentos fortes, que explicam a própria vida e são característica da personalidade humana. Da minha vida, que não foi fácil como um todo, descrevi o curso geral e os momentos essenciais, e espero que minha história dê uma compreensão da maneira com que vivi e trabalhei¹³.

Para Philippe Lejeune¹⁴, a autora ou o autor não é uma pessoa; é alguém que escreve e publica inserida ou inserido entre o extratextual e o texto em si. É uma pessoa real responsável e produtora de um discurso. Curie justifica sua seleção de fatos, inserindo-se nesse *entre* proposto por Lejeune. Sua (auto)biografia mobilizou recursos e pessoas e angariou fundos para a sua pesquisa. Sua narrativa, acrescida às muitas outras que foram produzidas a partir de sua vida, contribuiu para a construção da imagem de heroína única nas ciências, mito e ideal. Os discursos circulantes dizem mais também sobre a ciência na época. A possibilidade de criar estratégias para receber incentivos financeiros para a sua pesquisa é um retrato das relações acadêmicas androcêntricas dentro do mundo das ciências. Aqui o gênero opera: Marie Curie era uma mulher nas ciências que precisava de recursos e, por ser mulher, tinha que inventar-se e reinventar-se dentro das ciências e fora dela para seguir pesquisando. Também precisava contar-se como mãe, companheira e esposa, mas em sua (auto)biografia não deixou de fora a narrativa sobre o aspecto solitário de ser cientista.

O espaço da solidão de Curie em *Notas autobiográficas*

Neste artigo, estabeleceu-se a (auto)biografia de Marie Curie como espaço para uma narrativa sobre solidão a partir da leitura de gênero, solidão de mulher, solidão de mulher nas ciências. Segundo um dicionário de filosofia¹⁵, a solidão é isolamento ou busca de uma melhor comunicação, podendo ser a solidão da pessoa sábia, que se isola em sua perfeição, ou um fato patológico ligado à loucura. Ainda há a possibilidade de entender a solidão não só como isolamento, mas também como busca de formas diferentes e superiores de comunicação, pois

Não dispensa os laços com o ambiente e a vida cotidiana, a não ser em vista de outros laços com homens do passado e do futuro, com os quais seja possível uma forma nova ou mais fecunda de comunicação. O fato de a solidão dispensar esses laços é, pois, uma tentativa de libertar-se deles e ficar disponível para outras relações sociais.

¹³ CURIE, 1923, p. 70.

¹⁴ LEJEUNE, p. 61

¹⁵ ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 918.



A leitura de Marcela Lagarde foi o fundamento teórico utilizado para analisar aspectos de solidão anunciados nas *Notas autobiográficas*. Em *La soledad y la desolación*¹⁶, a antropóloga mexicana estabelece diferenças entre a solidão e a desolação a partir de uma ótica que considera que os discursos sobre o medo da solidão produzem, nas mulheres, uma dependência e falta de autonomia improdutivas. Estabelece, ainda, a diferença entre *solidão* e *desolação* ao marcar que estar desolada é o resultado de sentir uma perda irreparável, e a desolação, para mulheres, é o sentimento que compreende uma falta de alguém que não chegou ou que está demorando muito para chegar¹⁷. Em ambos os conceitos, Marcela Lagarde coloca as mulheres em relação, mas admite que os discursos produzidos e que as perpassam criam condições para que elas sozinhas, desacompanhadas ou sem parceiro ou parceira, sejam vistas como um ser a quem falta algo, uma pessoa incompleta. A autora defende a possibilidade da solidão como uma ferramenta para o desenvolvimento de maior autonomia na vida de mulheres, pois estimularia o pensamento através da dúvida. O exercício de pensar quando em solidão permitiria duvidar daquilo que é dito, ouvido e visto, em contraste com a atividade de pensar no coletivo, que se assemelha, segundo Lagarde, mais a uma defesa de ideias.

Na narrativa de Curie, é possível verificar que sua história de vida alterna momentos de solidão e desolação em três momentos principais: a morte de sua mãe e irmã na infância, o período solitário de estudos em Paris e a morte repentina de seu marido e companheiro de pesquisa. Todos esses momentos aparecem em sua narrativa biográfica como uma composição em que se alternam os dois conceitos propostos por Marcela Lagarde. O primeiro a ser contado é a morte de sua mãe, que se deu quando ela, seu irmão e irmãs eram muito jovens. Sobre isso escreve:

Nascida em Varsóvia, em 7 de novembro de 1867, eu era a última de cinco filhos, mas minha irmã mais velha morreu precocemente aos 14 anos e ficamos então, três irmãs e um irmão. Cruelmente atingida pela perda de sua filha e desgastada por uma doença grave, minha mãe morreu aos 42 anos, deixando o marido na mais profunda tristeza, com seus filhos. Eu tinha apenas 9 anos e meu irmão mais velho tinha quase 13 anos. Esta catástrofe foi a primeira grande tristeza da minha vida e me jogou em uma profunda depressão. [...] Por muitos anos nós todos sentimos a perda daquela que tinha sido a alma da casa. [...] Eu queria sempre fugir e me esconder¹⁸.

Suas principais biógrafas¹⁹ concordam que a desolação foi uma constante na vida de Curie e que o mito de mulher ideal é tão fortemente construído que poucas pessoas discutem o que as autoras definem como uma tendência depressiva e ao isolamento constante em sua vida. Para Barbara Goldsmith, a partir da morte da irmã e da mãe estabeleceu-se um padrão que se repetiria na vida da cientista e que, ao se tornar conhecida mundialmente, passou a ser atenuado por ela, e relatado como episódios de fadiga ou exaustão. Após as mortes das mulheres da família,

¹⁶ LAGARDE, Marcela. *La soledad y la desolación. consciencia y diálogo*. In: *Anales sobre temas de Ciencias Humanas*, del Giscsval. Universidad de Los Andes, Mérida. v. 3, n. 3, 2012

¹⁷ LAGARDE, 2012, p. 198.

¹⁸ CURIE, 1923.

¹⁹ QUINN, 1997; GOLDSMITH, 2006; CURIE, 1957.



prosseguiu estudando e continuou a ser a melhor aluna da turma, mas parecia se perder nos livros e estudar obsessivamente quando se interessava por um tema em uma estratégia para manter à distância seu sentimento de desolação²⁰. Nos meses que se seguiram, sua inspetora notou o estado sombrio de Marie Curie e, no final do ano, sugeriu ao seu pai um período de recolhimento.

A narrativa da estudante incansável também está presente na (auto)biografia. Filha de uma família de intelectuais, porém muito pobre, Marie encontrava alento nos livros, mas também o fazia com a perspectiva de, segundo ela, ir mais além do que era permitido para as mulheres da época. Finalizou seus estudos na Polônia, começou a trabalhar como tutora de crianças e organizou com a irmã, que iria partir para estudar medicina em Paris, um revezamento. Marie trabalharia para sustentar a irmã que depois da formatura assumiria as despesas financeiras para que ela estudasse ciências também na França. Depois de alguns anos, Curie consegue mudar-se e ser admitida numa das melhores faculdades de ensino superior do mundo, destacando-se como pioneira na sua turma e, conseqüentemente, na história. Estudar física e matemática era para poucas pessoas e Marie dedicava-se estoicamente aos estudos, isolando-se. Em *Notas autobiográficas* ela retoma os anos como estudante em Paris descrevendo o pobre sótão onde vivia, as péssimas condições de alimentação e cuidado e o cotidiano de trabalho intenso. Escreve que

Esta vida, difícil por certos pontos de vista, tinha, apesar de tudo isso, um certo charme para mim. Me deu uma sensação muito preciosa de liberdade e independência. Desconhecendo Paris, eu estava perdida na cidade grande, mas a sensação de viver lá sozinha, cuidar de mim mesma sem qualquer auxílio, não me deprimira. Se às vezes eu me senti só, meu cotidiano era de uma calma e grande satisfação moral. [...] Toda a minha mente estava centrada em meus estudos, que, especialmente no início, foram difíceis. À noite, estudava no meu quarto, às vezes até muito tarde da noite. Toda novidade que via e aprendia me encantava. Era como um mundo novo que se abria para mim, o mundo da ciência, o que eu estava finalmente se permitindo saber livremente²¹.

Essa sensação de liberdade estaria centrada na percepção de que morar e estudar sozinha era algo raro para as mulheres em sua época? Ser aluna da Sorbonne das três últimas décadas do século 19 era frequentar uma instituição onde a igualdade para as mulheres não era um discurso sequer pensado. Elas não podiam ser testemunhas em processos nem gastar seus rendimentos sem permissão do marido, ir sozinhas a eventos culturais exigia muita coragem. Em 1893, ano em que Marie Sklodowska (ainda não era Curie) recebeu a *licence ès sciences*, ela foi uma das duas mulheres a receber a *licence* em toda a universidade. Em 1894, quando recebeu a *licence ès mathématiques*, foi uma entre cinco²². Marie contava-se como estudante incansável e solitária e muitas das suas leitoras à época eram mulheres estadunidenses matriculadas nas *women's colleges* que ofereciam o bacharelado para mulheres. Seus anos de estudos solitários e estoicos

²⁰ GOLDSMITH, 2006.

²¹ CURIE, 1923.

²² QUINN, 1997, p. 101.

são discutidos ainda hoje por historiadoras das ciências. Para Eulália Pérez Sedeño²³, o discurso da mulher cientista esforçada demais faz parte daquilo que denominou de “estratégia Mme. Curie” que define a estrutura androcêntrica das ciências. Para circular nos meios acadêmicos científicos, as mulheres tinham que estar melhor e absurdamente preparadas e, ainda assim, seriam interdadas ou se veriam sozinhas. Muitas seguiriam a sós, abandonariam a ciência ou se tornariam parceiras de seus maridos. Marie apresenta-se como corpo que escapa, pois conseguiu revolucionar essa estrutura.

Em se tratando de ser esposa, isso aconteceu na vida de Curie e ela narrou em suas *Notas autobiográficas* da seguinte forma:

Com meu casamento começou para mim uma nova existência muito diferente da vida solitária que eu tinha conhecido durante os anos anteriores. Meu marido e eu éramos tão intimamente unidos por nosso afeto e o nosso trabalho em comum que passamos quase todo o nosso tempo juntos.²⁴

De fato, o casal Curie viveu um casamento científico. Ambos se conheceram em uma atmosfera científica, eram reservados. Pierre insistiu no relacionamento até Marie desejar casar-se e morar em Paris – ela estava disposta a voltar para a Polônia e começar sua carreira docente lá – e juntos estabeleceram uma das parcerias de casal mais prolíficas da ciência moderna. Barbara Goldsmith afirma que “Pierre mais tarde escreveria que vacilou sobre tudo que fez na vida, menos em seu apego por Marie Sklodowska. Ele estava determinado a fazer dela sua esposa e o parceiro que perdera quando Jaques (seu irmão) saiu de casa”²⁵. Olhando para os escritos de Curie, é possível fazer um cruzamento sobre as questões da solidão com outro conceito proposto por Marcela Lagarde, o de *madresposa*. Para a autora, antes de se tornar *madresposa* ou até mesmo sem ter filhas, filhos ou companheiro, há um discurso que imprime às mulheres essa perspectiva de ser. Estar inserida nesse discursivo, ser mãe e esposa nesse amálgama, é viver de acordo com normas que centralizam as relações sociais à maternidade e ao exercício da conjugalidade. O cerne dessa discussão são as relações de poder, que conformam as mulheres à maternidade e à conjugalidade nas esferas simbólicas, econômicas, sociais, imaginárias e afetivas.

Assim, as mulheres podem ser mães permanentes ou sazonais, mães de seus filhos mas também de amigos, irmãos, companheiros, colegas de trabalho, alunos, vizinhos. E seguem sendo esposas de seus esposos mas também de seus pais, familiares, amigos, chefes, relacionando-se dessa forma ambígua, seja no público, seja no privado²⁶. Lagarde critica essa maternidade como destino onde as mulheres só existem maternalmente, a partir dos discursos que as situam social e

²³ SEDEÑO, Eulalia Pérez. Ciência, valores e guerra na perspectiva CTS. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo. (orgs.). *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: Livraria da Física; Educ; Fapesp, 2004, p. 201-222.

²⁴ CURIE, 1923.

²⁵ GOLDSMITH, 2006, p. 47.

²⁶ LAGARDE, 2012, p. 364.



politicamente nessa entidade *madresposa*. Curie contava-se como esposa, mas a análise aqui não quer criticar este contar-se ou a possibilidade de uma ficção produzida a partir de seu casamento, mas sim apontar que, em se tratando de ciência, era possível ser uma *madresposa* cientista por causa da divisão sexual do trabalho no âmbito das ciências. E isso diz muito sobre essa estrutura androcêntrica a que Curie estava inserida, pois ela conta que “Não foi fácil conciliar essas tarefas domésticas com meu trabalho científico, ainda que, com boa vontade, eu consegui”²⁷. Havia um casal científico e uma solitária *madresposa* em casa.

Anos mais tarde Curie se veria sozinha novamente e conta isso ao detalhar os sentimentos que a invadiram quando da morte de Pierre. O cientista morreu atropelado por uma carroça em uma noite chuvosa numa rua movimentada em Paris. Segundo Susan Quinn²⁸, para Marie a perda de Pierre reverberou por todos os dias de sua vida e fez eco à dolorosa perda da mãe e da irmã na infância. Como Pierre era marido e colaborador na pesquisa, a sensação de desolação era constante. Sobre isso ela escreve:

Em 1906, no mesmo ano em que nós definitivamente deixamos o antigo laboratório de galpão onde fomos tão felizes, veio a terrível catástrofe que levou o meu marido para longe de mim e me deixou sozinha para cuidar das nossas filhas e, ao mesmo tempo, continuar nosso trabalho de pesquisa. É impossível para mim expressar a profundidade e a importância que essa crise trouxe para minha vida, pela perda de quem tinha sido meu companheiro mais íntimo e melhor amigo. Esmagada pelo golpe, não me sentia capaz de enfrentar o futuro. Eu não podia esquecer, no entanto, o que meu marido às vezes costumava dizer que, mesmo sem, ele deveria continuar o meu trabalho. A morte de meu marido, que aconteceu imediatamente após o conhecimento geral das descobertas a que seu nome está associado, foi sentida pelo público e especialmente pelos círculos científicos, passando a ser uma desgraça nacional²⁹.

Curie não teve apenas o seu estado civil deslocado de mulher casada para viúva, mas também teve que assumir o protagonismo na agenda de pesquisa do casal. Com a morte de Pierre, a cientista abraçou a desolação e fechou-se para o mundo, mas teria que voltar ao trabalho sem o seu companheiro, fato que a assustou. A agonia que se seguiu merece igualmente lugar na sua (auto)biografia:

Nesta minha nova situação as dificuldades da minha vida foram consideravelmente aumentadas, pois eu sozinha teria agora que carregar o fardo anteriormente pesando sobre mim e meu marido juntos. Os cuidados de minhas filhas jovens precisariam de uma necessária vigilância; isto, o pai do meu marido, que continuou a viver com a gente, fez de bom grado. Ele estava feliz em ser ocupar do cuidado com as meninas, cuja companhia era seu principal consolo após a morte do filho³⁰.

Eve, sua filha mais nova e autora da mais famosa biografia de Marie Curie, dedicou um capítulo intitulado “Só”, para descrever os anos que se seguiram à morte do pai. Eve tinha pouco

²⁷ CURIE, 1923.

²⁸ QUINN, 1997.

²⁹ CURIE, 1923.

³⁰ CURIE, 1923.



mais de um ano quando ele morreu e conta em sua narrativa o esforço da mãe que “amedrontariam até a um homem robusto, feliz e cheio de ardor”³¹. Conta que a mãe agora teria de cuidar das duas filhas e trabalhar para dar continuidade ao legado do seu pai, não do casal. A solidão e desolação que parecem cíclicas na vida de Curie agora afundam uma mulher que, segundo suas biógrafas, já demonstrava tendências depressivas. Eve não se furta em mostrar uma mãe-viúva frágil, “muito discreta para revelar suas dores, não chora nunca diante de ninguém e recusa consolo. A pessoa nenhuma confia os seus acessos de desespero ou os sonhos terríveis que a atormentam de noite”³². Marcela Lagarde, em *Los cautiveros de las mujeres*, não discute sobre a mulher viúva, mas podemos acessar suas discussões sobre *madresposa* e expandi-las. Curie desloca as relações de poder. Antes era admitida com surpresa nos meios científicos por ser mulher, mas circulava por eles, pois era uma parte do “duo Curie”, estava acompanhada. Agora sem o marido, deve continuar a trabalhar como protagonista, caso contrário as pesquisas sobre radioatividade e concepção da matéria ficarão em suspenso. Mesmo sempre tendo sido responsável por todas as atribuições do âmbito do privado da família, sua filha Eve escreve sobre as estratégias que sua mãe desenvolveu para ser cientista e cuidar das duas filhas sozinha. Parte dessas descrições foram narrativas acessórias que colaboraram para a manutenção do mito Marie Curie, cientista e mulher ideal. Um trecho de “Só” escrito por Eve demonstra a ambiguidade e a confusão de sentimentos a que Marie estava submetida quando se tratava da educação de suas filhas:

A mãe que nos queria tornar invulneráveis era ela própria muito terna, muito delicada, muito bem dotada para o sofrimento. Ao mesmo tempo que nos treinava na fuga à sentimentalidade, ansiava, sem o confessar, para que a beijássemos e a acariciássemos mais e mais. A professora de “insensibilidade” crispava-se de dor ao menor sinal de indiferença. Nunca nos pôs a “insensibilidade” em prova, punindo-nos as manifestações de “sensibilidade”. Os castigos clássicos da inocente chinelada ao “de pé no canto” ou à privação da sobremesa, sempre foram coisas desconhecidas em nossa casa. Também nunca houve lá gritos ou cenas: tanto na cólera como na alegria, minha mãe não tolerava excessos. Uma vez que Irene se mostrou impertinente, para “dar um exemplo” ela decidiu não dirigir-lhe a palavra durante dois dias. Esse castigo foi para as duas uma dolorosa tortura – principalmente para a mãe. Marie passou miseravelmente os dois dias, errando silenciosa pela casa, a sofrer muito mais que a filha³³.

Susan Quinn³⁴ afirma que Marie Curie viveu alternando solidão. Parte da cobrança vinha dela mesma e até de pessoas muito próximas. Seu cunhado, anos após o acidente com Pierre, a provocava dizendo que esperava que ela tivesse encontrado um pouco de energia para superar a melancolia pós-morte. Ele chegou a dizer para Marie: “você é o centro de um pequeno mundo e sua responsabilidade é grande. Você deve reviver e seguir em frente, apesar de tudo”³⁵. Parte do mito eternizado de Curie esconde seu lado sombrio e depressivo, concentrando-se apenas no tripé

³¹ CURIE, 1923, p. 224.

³² CURIE, 1923, p. 224.

³³ CURIE, 1923, p. 231-232.

³⁴ QUINN, 1997.

³⁵ QUINN, 1997, p. 269.



gênio-esposa-mãe. Percorrer sua (auto)biografia verificando os espaços da solidão e da desolação em sua trajetória desfaz a perspectiva hagiográfica de sua história e abre espaço para a discussão sobre o gênero como elemento central e constitutivo das relações nas ciências e nas narrativas de mulheres nas ciências.

Considerações finais

Além de recuperar a memória feminina ao longo da história, estudar escritos de mulheres feitos por mulheres possibilita trazer para a discussão as relações de poder presentes no cotidiano e devolver a elas o papel de agentes históricas e inventoras de si. O mito do heroísmo, tão comum na narrativa histórica para feitos masculinos, também pode se aplicar a uma mulher e uma mulher cientista, como vimos. O interesse nas subjetividades, nos discursos que movimentados pelas relações de gênero, classe e raça que perpassam a vida de mulheres, movimenta a pesquisa em torno de narrativas de vida e (auto)biografias. Ao expor a narrativa de uma mulher vista como mito durante décadas nas ciências e fora dela, a análise empreendida neste artigo permite questionar a narrativa da condição feminina essencial, tão comum. Desde sempre mães, desde sempre esposas, desde sempre *madresposas*. Desde sempre sozinhas. A Marie contada e que contou sobre sua solidão e desolação diz muito sobre as mulheres no mundo e nas ciências e nos permite escrever e reescrever sua vida numa tentativa de fugir de uma história única.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CURIE, Marie. Autobiographical notes. In: _____. *Pierre Curie*. New York: Macmillian Company, 1923. p. 68-108.

FISCHER, Beatriz Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais... In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 143-161.

GOLDSMITH, Barbara. *Gênio obsessivo: o mundo interior de Marie Curie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAGARDE, Marcela. La soledad y la desolación. Consciencia y diálogo. In: *Anales sobre temas de Ciencias Humanas*, del Giscsval. Universidad de Los Andes, Mérida. v. 3, n. 3, 2012.

LAGARDE, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. Colección Posgrado: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidade y desidentificación. In: *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.



LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Ed. Megazul Endymion, 1994.

QUINN, Susan. *Marie Curie: uma vida*. São Paulo: Scipione, 1997.

REVEL, Judith. Uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria. In: *IHU On-Line*, revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, n. 203, p. 20-31, 2006. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

SEDEÑO, Eulalia Pérez. Ciência, valores e guerra na perspectiva CTS. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo. (Orgs.). In: *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: Livraria da Física; Educ; Fapesp, 2004. p. 201-222.

VIART, Dominique. Dime quién te obsesiona: paradojas de lo autobiográfico. In: *Cuadernos hispanoamericanos*, n. 621, p. 63-74, 2002.

WIRTEN, Eva Hemmungs. *Making Marie Curie: intellectual property and celebrity culture in an age of information*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

[Recebido em: novembro de 2016 /
Aceito em: dezembro de 2016]